

INSTANTE

Por Janailson Macêdo

De um lado, “Ele”, quase imóvel, com o corpo apoiado no muro atrás da parada de ônibus. Enquanto o transporte para casa não chega, seus pensamentos vagam por uma atmosfera longínqua, inominável, morada da imaginação dos que foram contagiados pela nostalgia típica da hora do retorno ao lar. Ao seu redor, em um cenário rotineiro de princípio de noite, centenas de pessoas lotam a calçada, o trânsito flui devagar e carros congestionados buzina freneticamente.

Do outro, “Ela”, a caminhar suavemente pela mesma calçada em que “Ele” se encontra. Por onde passa, “Ela” vai canalizando as atenções de homens e mulheres com o seu gingado sinuoso, semelhante a uma brisa que durante o fluir transitório acaricia a pele dos privilegiados que lhe surgem no caminho, e logo depois segue adiante, deixando para estes últimos apenas a recordação do bem estar gerado por sua discreta passagem. Talvez “Ela” esteja retornando agora da universidade, do trabalho, de um passeio, das compras... Talvez esteja apenas flutuando por aí, em busca de novos admiradores.

De repente, graças à intuição, acaso ou algum outro fator desconhecido, “Ele” e “Ela” deslocam de maneira simultânea os olhares até o mesmo ponto intermediário, focalizando um ao outro por cerca de dois segundos, e iniciando, sem planejar, a tessitura do prólogo de um sublime espetáculo.

Ao perceber que “Ele” não vai mudar tão cedo a direção do olhar, e constatar está diante de um observador à altura do valor de sua arte, “Ela” resolve lançar mão de uma de suas melhores performances, há tempos guardada a espera do público certo.

Simulando desdém pelo outro, “Ela” deixa de fitá-lo e desvia o olhar para frente, como se priorizasse o trajeto a percorrer. Em seguida, como se

tivesse visto se estender um longo tapete vermelho diante de si, aproveita o espaço entre duas pisadelas no chão para, quase ao mesmo tempo, erguer a face e o busto, encher o tórax de ar e segurança, reprogramar o mover de mãos, braços, pernas e quadril, prender um pouco a energia e, por fim, desfilar. Nem tão rápido, nem tão lento, no ritmo preciso, “Ela” levita. Parece até mesmo, à moda das grandes estrelas, disposta a nunca perder qualquer oportunidade de brilhar, seja em badaladas passarelas na Europa, seja em luxuosos palcos na Broadway, seja em uma simples calçada onde se enfileiram diversos pontos de ônibus.

“Ele”, por sua vez, se sente esnobado com a mudança repentina que “Ela” dá a direção dos olhos. No entanto, logo reconhece o paradigma que orienta a atuação da sua discreta cúmplice e passa a agir como se estivesse no interior de uma dessas apresentações nas quais os espectadores participam ativamente e influenciam a performance dos artistas.

O mecenas sabe que seria um crime desperdiçar um ato sequer deste desfile exclusivo, já que instantes como este são escassos durante o seu cotidiano. Por isso, “Ele” meneia a cabeça e os olhos evitando deslocamentos bruscos que possam prejudicar a focagem da admirada. Desta forma, todo o desenho corporal da desfilante - que vai ficando mais nítido à medida que “Ela” se aproxima – passa a ser percorrido e apalpado pelas pupilas do atento observador: curva a curva, relevo a relevo, detalhe a detalhe. A visualização é dificultada apenas pela falta de treinamento dos figurantes: transeuntes que não param de agir baseados no improviso e bloqueiam parte do ângulo de filmagem da cena.

Enfim, a apresentação chega ao seu clímax. “Ele” vê, a cerca de um metro e meio de si, o perfil de um corpo que parece ter sido criado para a satisfação de seu espírito. Sua alma é atravessada, neste momento, por um fluxo volumoso de energia límpida e curativa. Suas dívidas, seus sonhos não realizados, as pressões que sofre em seu trabalho, a luta diária pela sobrevivência, o resto do mundo... tudo é por um instante esquecido; tudo o que não é aquele corpinho belo que corta o ar bem diante dos seus olhos fica por um instante relegado a outra dimensão.

Mas este arco-íris de cores tão intensas logo começa a desaparecer. Ao transpor a linha simbólica à frente do ponto em que “Ele” se encontra, “Ela” finaliza a rápida atuação e provoca a já esperada ruptura no relacionamento. Embora seu ego ainda se delicie com os efeitos prazerosos colhidos durante o auge do desfile, “Ela” logo começa a sentir a euforia íntima se arrefecer, fazendo seu comportamento retornar, lentamente, a quase espontaneidade habitual.

No ato final da peça instantânea, como é de praxe, “Ela” segue em frente e não dá sequer um aceno em retribuição aos aplausos silenciosos do espectador solitário. “Ele”, em contrapartida, não liga para a falsa indiferença daquela que o presenteou, ao fim de um dia repleto de batalhas, com um show particular, cheio de graça, beleza e plasticidade. Como não pode retê-la ao seu lado, conforma-se em acompanhá-la com os olhos, até vê-la se misturar as pessoas comuns, e desaparecer, anônima, no meio da multidão.

Janailson Macêdo (Paraíba)

janailsonmacedo@hotmail.com

Contista e Estudante de História.